

Cordel ESEC Caetés

Estação Ecológica de Caetés

Autor : José Vieira de Lima

I

Despertei nos assanhos
De uma madrugada acesa
Via a barra no horizonte
Trazendo do dia a certeza
E vi bem junto de mim
A imensidão sem fim
Da santa mãe natureza
Vi a Estação Ecológica
Verde, bonita e sadia
E lá do centro da mata
Parece que alguém me dizia
Que eu fosse olhar de perto
Para ver se era certo
O que de longe eu via

II

Isso era mais ou menos
Às quatro da madrugada
De longe se ouviam os acordes
Do canto da passarada
Cada um com mil certezas
Sonorizava as grandezas
Daquela hora sagrada
Que madrugada era aquela
Divina, pura e grata
A lua lá do infinito
Com o seu disco cor de prata
Se escoava das alturas
Banhando com suas brancuras
A copa verde da mata
Contemplei os arredores
Daquela manhã bonita
Sorri sentindo as grandezas
De uma mão infinita
Cada uma estrela mais bela
Que haja uma manhã daquela
Quem não vê não acredita

III

Vi uma planta em cada canto
E vi um pássaro que cantava
De cada um a grandeza
De bem juntinho eu olhava
Porque sem ver de perto

Nem eu escrevia certo
E nem meu poema prestava
Também vi marcas de fogo
Restos de cinzas e coivaras
E de apagar essas chamas
Hoje as chances são raras
É o que pensa e lastima
José Vieira de Lima
Poeta das espinharas.

IV

Vendo do homem a maldade
Falando só eu dizia:
como é que existe gente
que tem tamanha ousadia?
E não respeita uma planta
De uma beleza tanta
Tão graciosa e sadia?
Também pensei até quando
Nossas matas se consomem
Sem que as autoridades
Uma providência tomem
E acabem com a fumaça
Do fogo por onde passa
A mão perversa do homem
De lá eu saí pensando
Nas grandezas da estação
Sentindo o sopro da brisa
Que se rasteja na erva
Balançando a copa linda
De muitas plantas ainda
Que a natureza conserva

V

Olhei os pontos celestes
Do vago da expansão
Vi tudo que Deus criou
Sem em nada pôr a mão
Uma planta em cada canto
Era o retrato santo
Do autor da criação
A brisa rumorejava
Fresca, serena e sadia
A aurora cor de anil
Devagar se oferecia
De longe uma estrela vindo
E o horizonte se abrindo
Mostrava a barra do dia
De distante o nevoeiro
Como fofuras de lã

Surgia pela abóbada
Deserta, fria e sã
Depois se abria em pedaços
Como quem trazia nos braços
Aquela santa manhã

VI

Milhares de passarinhos
Dormiam pela ramagem
Nos esconderijos frios
Do borrifar na aragem
Entre os ruídos constantes
Dos bulício sussurrantes
Do vai e vem da folhagem
Lá de um recanto mais perto
Bem alegre um rouxinol
Dava o seu primeiro vôo
Nas vagas do arrebol
Falar, ele não falava
Mas seu canto anunciava
A bela vinda do sol
Daí a pouco um carão
Ainda quase dormindo
Se remexia num galho
Piando e se sacudindo
Pelo cantar monótono
Parece que era sono
Que ele estava sentindo

VII

Venceu centenas de anos
Vendo do tempo a distância
Até que chegou um louco
Dominado pela ânsia
Desses que não têm amor
Um monstro destruidor
Que só enxerga a ganância
Porque só mesmo um louco
Cego do entendimento
É capaz de ter na mente
Tão monstruoso intento
Que nada vê de grandeza
E destrói a natureza
Sem ter nenhum sentimento
Hoje para os seus destroços
Quem olha não se engana
Vê um montão de pau
Exposto na terra plana

Dando uma prova legítima
De uma verdadeira vítima
Da perversidade humana

VIII

Alguns pedaços ainda
Que o tempo não acabou
Mostrava as marcas sinistras
Que o machado deixou
Cada marca era a história
De um passado de glória
Que bem distante ficou
Eu vendo a destruição
Não me senti muito bem
Medi na mente o tamanho
Da crueldade de alguém
E vi que num tempo ido
Aquele tronco apodrecido
Já deu sombra ali também
Quem sabe os anos que ele
Deu sombra naquele chão
Resistindo às tempestades
De chuva, vento e trovão
Venceu do tempo os embates
Só não venceu os combates
Da mão da destruição

IX

As borboletas em bandos
Se repousavam nervosas
Pelo emaranhado verde
De muitas ramas frondosas
E o beija-flor de costume
Sugava o santo perfume
Do abrir de algumas rosas
Também se ouvia o zumbido
Dos insetos voadores
E milhares de abelhas
Adormecidas nas flores
Pelas touceiras e socas
Rastos deixados e tocas
Dos animais roedores
Uma garça gazeando
Sobrevoava o vazio
Pela imensidão deserta
Do céu ainda sombrio
Depois de uma certa manobra
Se recolheu numa dobra
Da margem fresca do rio

X

Nenhum animal saía
De suas tocas nativas
Temendo o bote certo
De algumas cobras nocivas
Enroscadas pelos troncos
Ou pelos balceiros brancos
Das tiriricas agressivas
Uma raposa entocada
Num camarote de feno
Aquecia o corpo frio
Molhado pelo sereno
E um tatu rabo de couro
Como quem caçava ouro
Escavacava o terreno
Numa ribanceira de matos
Vestígios de alguns preás
Pegadas ainda vivas
De pacas e tamanduás
E de um recanto afastado
Se ouvia o miado assustado
Dos gatos maracajás

XI

Era um eucalipto que foi
Pelo homem destruído
A folhagem já toda seca
E o tronco apodrecido
Tudo dele com certeza
Pelo rigor da frieza
O tempo tinha engolido
Nada mais ali existe
Do que um quadro sisudo
Representando um cenário
Silencioso e mudo
Sem assistência e sem patronos
Vencidos pelos detonos
Do tempo que arrasa tudo
Restos de galhos e garranchos
Se reduzindo e retraços
Do tronco sujo e preto
Já arredados alguns passos
Uns dos outros se afastando
E o tempo devorando
Os derradeiros pedaços

XII

Seus galhos se remexiam
Fazendo mil piruetas
Se retratando na lua

As mais belas silhuetas
Palco de doces carinhos
Coreto dos passarinhos
Descanso das borboletas
Cada tronco estremecia
Pelos sopapos dos danos
Da violência em arrojos
De alguns ventos tiranos
Cada um nessa pisada
Vencia uma luta travada
Talvez de mais de cem anos
Quando menos eu esperava
Entre o imenso verdor
Esbarrei com um quadro
Triste, feio e arrasador
Que me deixou intranquilo
Transformando tudo aquilo
Numa cena triste de horror

XIII

Uma preguiça abraçada
No tronco de uma imbaúba
Subia tão devagar
Como quem não se perturba
Na pisada que ela ia
Talvez no espaço de um dia
Menos de um metro ela suba
Na mesma árvore um sagüi
Borrifado de orvalhos
Saltava e dava pinotes
Sem encontrar agasalhos
Pendurado num cipó
Da cauda fazendo nó
Se balançava nos galhos
Eu vendo aquele animal
Cheio de vida e cobiça
Então pensei comigo
Com a minha idéia omissa:
por que é que a natureza
fez um com tanta esperteza,
e o outro com tanta preguiça?

XIV

Para saber do segredo
Eu fiz um pequeno estudo
E vi que perante Deus
Eu sou um ser tão miúdo
Que nada faço e nem conserto
Que esteja errado ou certo,
É Deus quem cria tudo

Vendo de Deus os mistérios
Eu mudei de pensamento
Fiquei olhando as grandezas
Daquele santo momento
Ouvindo o cantar das aves
E os rumorejos suaves
Das ondas frias do vento
Oh! que belo panorama
Aquele que eu estava vendo
O sereno frio de leve
Pela ramagem descendo
Do dia os primeiros raios
E os derradeiros desmaios
Da noite quase morrendo

XV

A lua se derramava
Pela folhagem diáfana
Se espalhando pelas relvas
Da superfície terrana
Gotejando os matagais
Refúgio dos animais
Nas horas de cruviana
Alguns pingos de orvalho
Pelas ramas gotejantes
Se misturavam nas cores
Dos limites verdejantes
Ponteando a madrugada
Pela imensidão copada
Dos eucaliptos gigantes
Cada eucalipto era
Um gigante com certeza
Provando perfeitamente
De Deus a imensa grandeza
Testemunhos centenários
Ator de lindos cenários
Abismos da natureza